

# **PRÁTICA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS PARA FORMAÇÃO DE ATITUDES SOCIOAMBIENTAIS**

Renata Carvalho da Silva,

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE / Fundação Joaquim Nabuco –  
FUNDAJ, Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação, Culturas e Identidades –  
PPGECI, email: rennatacarvalho86@gmail.com

Gilvaneide Ferreira de Oliveira.

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE / Fundação Joaquim Nabuco –  
FUNDAJ, Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação, Culturas e Identidades –  
PPGECI, email: gil@ded.ufrpe.br

Área Temática: 1- Educação Ambiental

Categoria: Comunicação Oral

## **Resumo:**

Este artigo disserta sobre os resultados parciais de uma pesquisa que se propôs investigar evidências de conteúdo atitudinal em uma prática de educação ambiental (EA) na Educação Infantil na Rede de Ensino de Recife. A EA no Brasil tem seguido um viés conservador, fragmentado, distante da realidade e pouco contribuinte na formação de atitudes sustentáveis. Consideramos, no entanto, que as práticas de EA devem ser inseridas desde a educação infantil, sendo fundamentadas em questões socioambientais reais, abordadas numa dimensão inter e transdisciplinar, voltadas a formação de atitudes. Nesse sentido, esta pesquisa de cunho qualitativo, investigou uma prática de EA na Educação Infantil, através de análise de conteúdos, a partir das observações e filmagem de uma aula de EA num grupo infantil, a luz das teorias de autores como Zabala (1998), Kramer (1994), Pimenta (2006), Correia (1989), Morin (2004) e Loureiro (2012). Percebemos, por meio das observações e filmagem, que a prática vivenciada se propôs a ser cotextualizada, à medida que abordou sobre o rio próximo às residências da maioria das crianças, e inovadora ao propor o uso de tecnologias como o multimídia em sala de aula. Porém, temos uma análise crítica sobre a prática pedagógica, que se mostrou reducionista, uma vez que se resumiu em observar imagens de brinquedos projetadas e reproduzi-los com materiais reutilizados trazidos pela professora “A”. Consideramos que uma prática que proporcione a formação de atitudes, sendo portanto, transformadora, deve superar a simples reprodução do conhecimento, através de brinquedos recicláveis pelas crianças.

**Palavras-chaves:** Educação Socioambiental, Educação Infantil, conteúdos atitudinais.

## Abstract:

This article talks about the partial results of a survey that was proposed to investigate evidence of attitudinal content in a practice of environmental education (EE) in Early Childhood Education at Education Network of Recife. EA in Brazil has followed a conservative, fragmented, somewhat detached from reality and contributors bias in forming sustainable attitudes. We believe, however, that the practice of EA must be inserted from child rearing, being based on real environmental issues, addressed in inter- and transdisciplinary dimension, aimed at shaping attitudes. Accordingly, this qualitative study investigated the practice of EA in kindergarten through content analysis, based on observations and filming a child in a class EA group, the light of the theories of authors such as Zabala (1998) Kramer (1994), Pepper (2006), Correia (1989), Morin (2004) and Loureiro (2012). Realized by means of observations and filming, that experienced practice proposed to be cotextualizada as we approached the river near the residences of most children, and to propose innovative use of technologies such as multimedia in the classroom. However, we have a critical analysis of teaching practice, which proved reductionist, once summed up in watching designed pictures of toys and play them with reused materials brought by the teacher "A". We consider a practice that provides the formation of attitudes, and thus transforming it must overcome the simple reproduction of knowledge through recyclable toys for children.

Keywords: Environmental Education, Early Childhood Education, attitudinal contents.

## **Introdução:**

As práticas educativas, desde os primeiros anos escolares da criança, devem contemplar as questões socioambientais de forma inter e transdisciplinar, favorecendo a construção a formação de atitudes sustentáveis para uma sociedade mais justa.

Indagamos, no entanto, se a Educação infantil tem proporcionado formação de atitudes em crianças que desde os primeiros anos de escolaridade precisam interagir com as temáticas socioambientais. Vislumbrando essa problemática, objetivamos investigar evidências de conteúdo atitudinal nas práticas de educação ambiental realizadas em contextos da Educação Infantil na Rede de Ensino de Recife, no sentido

destas contribuírem para a formação de atitudes socioambientais em crianças de 4 a 6 anos de idade.

Numa dimensão socio-histórica identificamos um grande desafio para os professores da educação infantil, que tiveram de dar conta de uma educação mais ampla, diante da ausência da orientação doméstica uma vez que as mães estavam saindo de casa em busca de mais uma fonte de renda familiar. Segundo Rizzo (2003:31), “criou-se uma nova oferta de emprego para as mulheres, mas aumentaram os riscos de maus tratos às crianças, reunidas em maior número, aos cuidados de uma única, pobre e despreparada mulher”. Essa realidade da educação infantil, entretanto, começou ao se perceber que a criança, desde seus primeiros anos de vida, é capaz de aprender e a educação formal necessitaria assumir esse espaço formativo, organizando estratégias de ensino aprendizagens que iria além do simples brincar, transformando esse contexto em intensivos espaços de aprendizagens. A Educação Infantil, então, passou a ser um direito da criança e um dever do estado em prover essa modalidade de ensino gratuitamente.

Nessa perspectiva a educação infantil encara o desafio de voltar-se para a construção da identidade da criança, sendo este um fator fundamental para a seu desenvolvimento. A educação socioambiental, então, assume um papel fundamental nessa formação, tendo como referencia a realidade interdisciplinar que a criança está inserida, e sobre a qual precisa compreender e intervir. Neste sentido, a criança deve desde cedo, entrar em contato com a educação socioambiental, a fim de iniciar o exercício de ler criticamente sua realidade e desenvolver atitudes sustentáveis que irão ser construídas e reconstruídas durante toda sua vida.

Segundo Kramer (1994) é preciso reafirmar a concepção de criança como cidadão, como ser histórico. Logo, as crianças também necessitam da educação socioambiental em seu processo de formação. Mas, diante dessas necessidades, até que ponto as práticas educativas de Educação Ambiental na Educação Infantil na rede de ensino da cidade do Recife estão contribuindo na formação de atitudes socioambientais? Essa é uma questão que tentaremos responder ao longo desta pesquisa. No entanto, cabe-nos perguntar inicialmente de que educação ambiental estamos falando?

A crise ambiental vigente traz um grande desafio a ser enfrentado que é perceber o mundo de forma complexa, considerando a realidade em suas multifacetadas. A complexidade refere-se a um conjunto que se constitui por elementos heterogêneos que estão inseparavelmente associados e integrados, sendo ao mesmo tempo uno e múltiplo

(MORIN, 2004). Nesse sentido, são necessárias leituras interdisciplinares e críticas dessa realidade, reconhecendo a necessidade de integrar diferentes áreas de conhecimento, diferentes campos de saberes, só assim, nos aproximaremos de uma compreensão da realidade na qual estamos inseridos.

Mas a educação ambiental no Brasil não tem um histórico de prática educativa interdisciplinar, pois se instaurou com um viés fragmentado, biologizante, conservador e distante da realidade, a partir de debates ocorridos no momento em que se regia o militarismo na década de setenta por pressões internacionais. A Educação Ambiental (EA), no país, começou a receber dimensões públicas por volta da década de oitenta com sua inclusão na Constituição Federal de 1988. Nessa mesma década um viés conservacionista influenciado por valores da classe média europeia repercutiu na política brasileira. A essência acrítica da EA ignorou os princípios do fazer educativo pautado na transformação social e se disseminou com o pensamento das tendências conservadoras e pragmáticas dominantes, com enfoque biologizante, descontextualizado e desprovido do pensamento popular e crítico, não considerando a complexidade humana e cultural, e realizando práticas educativas dualistas entre o social e o natural (LOUREIRO, 2004).

A educação ambiental, porém, deve ser entendida como educação política que "prepara o cidadão para exigir justiça social, cidadania nacional planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza". (REIGOTA, 2004:10). Neste sentido a educação é principal responsável pela formação do sujeito que vai atuar na sociedade a partir de seu contexto de vida, e em interação com seus pares. Uma prática de educação ambiental que não faça essa articulação é, portanto, insuficiente para a construção de identidades do sujeito por desconsiderar sua realidade. Logo, essa educação também não será capaz de formar atitudes por apenas modelar comportamentos e estimular a memorização de conceitos sem significados contextualizados.

Loureiro (2006) nomeou "armadilha paradigmática" a dinâmica em que o educador, por sua prática atrelada a uma visão fragmentada e simplista da problemática ambiental reproduz o que Grün (1996) chamou de pedagogia redundante. Essa prática recebe influência da racionalidade hegemônica e tende a se perpetuar. Essas ações educativas são pouco eficazes no investimento significativo de transformação da realidade socioambiental.

A educação socioambiental na Educação Infantil pode se revelar em uma abordagem com potencial para tratar as questões da atual crise socioambiental junto às

crianças desde cedo, por integrar vários saberes e várias atitudes para a formação cidadã de forma integral. Essa formação deve partir da realidade dos alunos e alunas, pois estes possuem suas identidades, as quais são continuamente construídas desde seus primeiros anos de vida, e a escola é um espaço privilegiado no sentido de contribuir com essa construção iniciando na Educação Infantil. Entendemos, no entanto, que para que haja uma leitura crítica da realidade desde a educação infantil, é preciso que os alunos e alunas sejam autores da busca e percepção da realidade, identificando e compreendendo as problemáticas encontradas em seu contexto de vida.

Portanto, é evidente a necessidade que as crianças têm em entender e refletir sobre o espaço no qual estão inseridos e, dessa forma, interferir nas condições dos contextos que são por elas vivenciados. A educação socioambiental nessa perspectiva pretende, ampliar os espaços de liberdade de indivíduos e grupos que dele participam, transformando as situações de dominação em tomada de consciência de seu lugar no mundo, seus direitos e seu potencial para interferir na sua realidade de modo transformador e emancipatório.

Diante dessa reflexão e considerando os escassos estudos acerca da Educação Infantil, inclusive com a temática da educação socioambiental, justificamos essa investigação através da qual compreenderemos melhor os desafios e as demandas relacionadas às práticas de educação ambiental na educação Infantil, tendo em vista a riqueza das discussões relacionadas ao tema e a necessária contribuição que os resultados desta pesquisa trará para a formação continuada de professores que atuam na Educação Infantil na Rede de Ensino de Recife.

### **Metodologia:**

Esta pesquisa de caráter qualitativo investiga as práticas educativas de Educação Ambiental na Educação Infantil, no sentido destas contribuírem para a formação de atitudes socioambientais. O contexto empírico da investigação aqui descrita foi uma sala de aula desse segmento de ensino, sendo este um contexto pouco investigado pelas pesquisas no campo da educação. Esta investigação foi realizada por meio de observações diretas e filmagem em sala de aula do Grupo Infantil V e espaços de recreação e lanches em uma escola pública com Educação Infantil da rede municipal de Recife. Foram realizadas observações e filmagem em uma sala de aula com crianças de

5 a 6 anos de idade, sendo estes escolhidos por estarem numa faixa etária de grande desenvolvimento físico e cognitivo. A análise de conteúdos da aula observada e filmada se fundamentou em categorias que caracterizam a educação sociointeracionista e socioambiental, como: contextualização, problematização, inter e transdisciplinaridade, complexidade, diálogo e atitude.

Além das observações feitas e analisadas neste artigo, serão realizadas, gravadas e transcritas para as análises, entrevistas semiestruturadas junto à professora do grupo infantil observado nessa investigação a fim de ouvi-la a respeito de suas concepções e prática educativas. E será realizada, ainda, a análise dos documentos institucionais como o Projeto Político Pedagógico e planejamentos da escola e dos docentes, à luz das mesmas categorias para uma triangulação dos dados construídos.

Todos os dados coletados estão sendo categorizados considerando algumas orientações de Bardin (1977) para a Análise de Conteúdos, que é um conjunto de técnicas de análises e interpretação de enunciados em suas significações profundas, baseando-se em categorias de análise pré-estabelecidas nas comunicações. A Análise de Conteúdos faz uso de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, tendo a referida autora como referência principal.

## **Análises dos Resultados**

A sala de aula do Grupo Infantil V observada tem 15 crianças entre 5 e 6 anos de idade, sendo a maioria de origem popular de famílias carentes moradoras de um comunidade ribeirinha. A professora “A” iniciou sua aula contextualizando com uma conversa com as crianças sobre o rio que fica próximo às moradias destas. Ela perguntou sobre a grande quantidade de lixo que forma uma ponte no rio e se eles conhecem o projeto de reciclagem de papelão que é feito na comunidade. Em seguida ela mostrou uma apresentação de data show com fotos de brinquedos feitos com materiais recicláveis reaproveitados como garrafas PET e caixas de leite.

Depois ela entregou um desenho de um menino colocando um papel amassado num cesto de lixo para as crianças colorirem o desenho e expusessem nas paredes. Após o lanche, a professora “A” trouxe uma sacola de matérias recicláveis e alguns brinquedos feitos com materiais reaproveitados e solicitou que as crianças fizessem brinquedos para elas reutilizando esses materiais.

Por fim, ela fez quatro cestos com caixas de papelão, cada um com uma cor da reciclagem (vermelho, azul, amarelo e verde), com o nome do respectivo material a ser descartado (plástico, papel, metal e vidro), e com seus respectivos desenhos ilustrativo, e solicitou que as crianças depositassem os resíduos em cada cesto correspondente, afim de que mantivessem a sala limpa e organizada.

Percebemos, por meio das observações e filmagem, que a prática vivenciada, se propôs a ser cotextualizada, à medida que apresentou o rio em que a maioria das crianças habita ao redor como elemento contextualizador e inovadora, ao propor o uso de tecnologias como o multimídia em sala de aula. No entanto, apenas o uso de novas tecnologias não garante que o ensino seja inovador e promova atitudes. Para Correia (1989) a inovação é um processo instituinte ou periférica desprovida de subordinação aos sistemas instituídos que generalizam as experiências. Dessa forma, a professora contextualizou com a realidade das crianças, mas não inovou com o desenho xerocado de uma criança jogando o papel no lixo, pois foi um processo instituído, generalizante e predeterminado que não tem potencial de gerar atitudes. A adesão de um data show multimídia para a exibição de figuras de brinquedos feitos com material reciclável também não sinalizou inovação, pois foi apenas um instrumento expositivo para que os brinquedos fossem modelos a serem reproduzidos pelas crianças.

A inovação, segundo Correia (1989) é uma mudança assumida. Essa mudança se estabelece na identificação de uma crise e na ruptura com uma organização pré-existente. Nesse sentido se faz necessário que o docente faça reflexões antes, durante e após às suas ações, pois é preciso analisar em que medida a prática tem coerência com a perspectiva dos alunos e alunas, gerando assim, a adoção de novas práticas.

Na perspectiva de Pimenta (2006), a reflexão docente não generalizada potencializa a dimensão político-epistemológica que resulta em maior valorização docente e melhorais na dinâmica escolar. Neste caso, essa reflexão seria importante para a professora “A” porque é preciso questionar o que esse lixo representa para as crianças dessa comunidade, visto que ele pode representar uma possibilidade de fazer brinquedos ou de outras coisas, como por exemplo, ser uma fonte de renda para o sustento da família. Loureiro (2012) problematiza essas questões quando afirma que há uma complexidade no que se refere à sustentabilidade alegando as diversas possibilidades de esta se definir e se estabelecer pela multiplicidade de perspectivas culturais, econômicas, sociais, etc.

Nessa perspectiva, o ensino por modelos pré-determinados que generalizam homogeneizam ações não são suficientes para gerar atitudes tendo em vista a complexidade das relações existentes entre as crianças e o objeto de estudo (o lixo a ser transformado em brinquedos o descartados em coletas seletivas). Ao discutir conteúdos atitudinais na prática educativa, Zabala (1998: 46) afirma que

As atitudes são tendências ou predisposições relativamente estáveis das pessoas para atuar de certa maneira. São a forma como cada pessoa realiza sua conduta de acordo com valores determinados. Assim, são exemplo de atitudes: cooperar com o grupo, ajudar os colegas, respeitar o meio ambiente, participar das tarefas escolares, etc.

O modelo reprodutivo e homogeneizante das atividades de pintura de desenho de um comportamento e da reprodução dos brinquedos sem questionar a relação existente entre as crianças a comunidade e o lixo não oferece, portanto, potencialidade para a formação de atitudes nas crianças na medida em que a professora “A” deveria, juntamente com os alunos e alunas, investigar que significação esses resíduos tem para a comunidade, sobre tudo para essas crianças.

Kramer (1994) defende que as crianças deve ser percebidas como cidadãos que possuem direitos e que precisão da formação cidadã desde cedo, a fim de que estas possam ser participantes da construção da sociedade. Essa formação é atitudinal e dotada de grande complexidade. Entendemos, no entanto, que para que a prática observada contemplasse a complexidade na perspectiva de Morin (2004), inerente à questão abordada pela professora “A”, seria necessário uma abordagem inter e transdisciplinar que proporcionasse a superação com a ações instituídas, conforme define Correia (1989), na busca da efetiva formação de atitudes.

### **Considerações Finais:**

Consideramos que apesar da aula ter iniciado com uma boa contextualização com relação à realidade das crianças, a prática se resumiu em pintar uma figura que apresentava um menino tendo um comportamento correto, na concepção da professora “A”, além de observar imagens de brinquedos produzidos com materiais reutilizados trazidos pela referida professora. Evidenciamos que essas ações generalizadoras não

representam uma ruptura paradigmática necessária à inovação, que potencializaria a formação de atitudes. A ação analisada, portanto, não partiu da identificação da crise que remeteria a docente a refletir na ação e ter uma postura investigativa sobre a significação daquela prática com a relação que as crianças daquele grupo infantil têm com o lixo discutido em sala de aula.

Loureiro (2012: 85) explica que “A simples adequação comportamental, mesmo que relevante imediatamente, não implica a capacidade cidadã de definir, escolher livremente e exercer o controle social (regulação democrática) no Estado”. Portanto, a prática educativa deve superar a reprodução comportamental inovando a partir do pensamento reflexivo e investigativo do docente frente ao desafio de inovar na complexidade do tema abordado, levando às crianças à leitura crítica da realidade e à formação de atitudes mais sustentáveis.

Concluimos que para prática da professora “A” proporcione a formação de atitudes, deve superar a simples produção de brinquedos com matérias recicláveis. . Porém, sabemos que serão necessárias mais observações e gravações de práticas da professora “A”, articuladas à realização de entrevistas e análises documentais com vista a compreender melhor esse contexto investigado e posteriormente contribuir para a melhoria dessas práticas.

### **Referências:**

CORREIA, J. A. *Inovação pedagógica e formação de professores*. Porto Edições Asa, 1989.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

CASTELLS, M. *O Poder da identidade*. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

KRAMER, S. *Currículo de Educação Infantil e a Formação dos Profissionais de Creche e Pré-escola: Questões Teóricas e Polêmicas*, In: Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil, MEC, 1994.

LOUREIRO, C. F. B. *Sustentabilidade e Educação: um olhar da ecologia política*. São Paulo: Cortez, 2012.

\_\_\_\_\_, C. F. B. [org.] *Pensamento complexo, dialética e Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_, C. F. B. *Trajetória e fundamentos da educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2004.

MORIM, E. Os Setes Saberes necessários à educação do futuro. 9. Edição - São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2004.

PIMENTA, S. G. e GHEDIN, E. *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2006.

REIGOTA, M. *O que é Educação Ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RIZZO, G. *Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artimed, 1998.